



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Melo

Vice-Reitora

Marlene Rodrigues Medeiros de Freitas

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

João Farias Guerreiro

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Diretora

Célia Maria Macêdo de Macêdo

Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Letras

Maria Eulália Sobral Toscano

Conselho Editorial

Abdelhak Razky

Angélica Furtado da Cunha

Audemaro Goulart

Benedito José Vianna da Costa Nunes

Carl Harisson

Christophe Golder

Dileta Silveira Martins

Ingedore Villaça Koch

José Carlos Cunha

José Guilherme Castro

José Niraldo de Farias

Luis Antonio Marcuschi

Maria Elias Soares

Maria Eulália Sobral Toscano

Maria Lúcia Almeida

Myriam Crestian Cunha

Patrick Dahlet

Paul Rivenc

Silvio Holanda

Vanderci de A. Aguilera

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

MOARA
Revista
dos Cursos
de Pós-Grad.
em Letras,
UFPA

ESTUDOS LITERÁRIOS

ISSN 0104-0944

MOARA – Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.14, p. 1-167, jul./dez., 2000.

SUMÁRIO

MOARA - Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA

Editor
Célia Maria Coelho Brito

Revisão
Sílvia Holanda

Editor Convidado
Sílvia Holanda

Normalização
Hilma Celeste Alves Melo

Editoração Eletrônica
Jorge Domingues Lopes

Capa
Francisco Cavalcante

Catálogo Biblioteca Setorial do CLA

MOARA. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA.
Belém: Editora Universitária / UFPA.

n. 1	1993		
Publicação interrompida	n. 8	1997	
de out./93 a set./94	n. 9	1998	
n. 2	1995	n. 10	1998
n. 3	1995	n. 11	1999
n. 4	1995	n. 12	1999
n. 5	1996	n. 13	2000
n. 6	1996	n. 14	2000
n. 7	1997		

Semestral

1. Literatura-Periódicos. 2. Lingüística-Periódicos. I. Universidade Federal do Pará. Centro de Letras e Artes

CDD 805
CDU 8(05)

Correspondência

Pós-Graduação em Letras da UFPA

Centro de Letras e Artes – Campus Universitário do Guamá

Endereço: Rua Augusto Corrêa, 1 Bairro: Guamá

CEP 66075-110 Belém-Pará-Brasil

Tel./FAX: (091) 211-1499

E-mail: mletras@ufpa.br

Apresentação	v-viii
O Mito em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	
Benedito Nunes	9-19
Realismo mágico ou realismo maravilhoso	
Lauro Figueira	21-33
A travessia para a aprendizagem	
Luiz Cláudio Vieira de Oliveira	35-46
Noturno Marioandradino:	
Uma leitura do poema <i>Meditação sobre o Tietê</i>	
Ângela Maria Gonçalves da Costa	47-68
Palavra e escritura	
Denyse Cantuária	69-96
Poesia em fragmento	
Sílvia Holanda	97-119
Política da literatura:	
A “crítica militante” de Walter Benjamin	
Marcus Vinnícius Leite	121-135
A que(m) interessa a distinção, de valor, entre erudito e popular?	
Ana Alice Castro Costa	137-144
Identidades e a nova ordem literária	
Daniel dos Santos Fernandes	145-149

**O procedimento do *Abstractum pro concreto*
em *Grande Sertão: Veredas***

Aurora Fornoni Bernadini 151-158

Traços e trocas:

Belém embalando Mário de Andrade

Paulo Nunes 159-167

APRESENTAÇÃO

Neste número da revista *Moara* estão reunidos 11 artigos que refletem diversas abordagens do texto literário, desde a sua dimensão filosófica até aspectos estilísticos e culturais. Trata-se de textos oriundos da UFPA e de outras importantes universidades brasileiras, tais como USP, UFMG, UEPA e UNAMA.

No primeiro artigo, o Prof. Benedito Nunes, Professor Emérito, apresenta-nos um ensaio sobre Guimarães Rosa a partir da idéia de que, de um modo geral, a prosa romanesca é polarizada pelo mito do qual descende, haja vista obras como as de Thomas Mann, Goethe (*Fausto*), Homero, (*Odisséia*), de James Joyce (*Ulisses*), de Hermann Melville (*Moby Dick*). O romance rosiano é interpretado como mitomórfico, “escrito na perspectiva do mito, sem coincidir, porém, quanto à implantação deste naquele, com os diversos tipos de enxertia praticados nas quatro obras exemplares antes referidas”.

O realismo maravilhoso é o tema de “Realismo Mágico ou Realismo Maravilhoso?”, apresentado pelo Prof. Lauro Figueira. O realismo maravilhoso é uma narrativa com teorização a partir da segunda metade do século XX. Alguns críticos referem-se a essa narrativa também como realismo mágico, entretanto, este estudo defende a conveniência do termo realismo maravilhoso por entender a consagração da palavra *maravilhoso* na história da literatura e na crítica literária. O discurso do realismo maravilhoso é definido no confronto com as isotopias dos gêneros *mimético*, *estranho*, *maravilhoso* e *fantástico*, e mais particularmente com a ficção fantástica, com a qual possui temas e proposições discursivas afins.

Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, “A travessia para a aprendizagem”, analisa os diferentes processos de aprendizagem em Guimarães Rosa, considerando o envolvimento de personagens, como Riobaldo, cujo conhecer provém da fé; como o de Lélío que se origina no amor, ou se faz à força e pela violência, como o de Augusto Matraga; participação do leitor, cujo aprender vem de seu próprio desarmamento para ouvir as estórias rosianas; e o envolvimento do próprio autor, que repassa o fruto de sua aprendizagem através de suas concepções de linguagem e

de literatura, de tradução e de mudança, no conjunto de sua obra e, em especial, nos prefácios de *Tutaméia*.

Ângela Costa, em “Noturno Marioandrado: uma leitura do poema “Meditação sobre o Tietê” estuda o poema “Meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade, fazendo a leitura da poesia como interpretação da cultura. O desencanto de Mário de Andrade com os caminhos da cultura nacional posteriores a 1930 torna-se patente no poema “Meditação sobre o Tietê”, no qual o eu lírico, desconsoladamente, pergunta o que havia acontecido com o espírito anarquizante das “juventudes auriverdes”.

Em “Palavra e escritura”, Denyse Cantária analisa o diálogo criativo entre duas das mais relevantes vozes poéticas da cena brasileira contemporânea: Max Martins e Age de Carvalho. Partindo da correspondência trocada entre ambos, bem como de um livro escrito em parceria — no início mesmo da carreira do mais jovem, Age de Carvalho, e trinta anos depois da primeira publicação em livro de Max Martins —, o propósito é situar as afinidades e tensões de suas respectivas poéticas, bem como discutir as leituras comuns que ecoam em seus poemas e que, mais propriamente, podem ser consideradas como um vigoroso diálogo, envolvendo a discussão de poetas como Shakespeare, Bashô, Blake, Paul Celan, Fernando Pessoa, Mário Faustino, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. O modo como esse elenco de poetas é traduzido ou modificado pelas diferentes sensibilidades de Max Martins e de Age de Carvalho é a tarefa mesma deste texto.

Sílvia Holanda, em “Poesia e fragmento”, analisa o processo de construção textual de “Passagem das Horas”, de Álvaro de Campos. A obra poética deste heterônimo pessoano recebeu diferentes interpretações, dialogando com quase todas as teorias críticas que o século XX produziu: Formalismo, Psicocrítica, Estilística, Estruturalismo, Pós-Estruturalismo, etc. Os temas do lirismo pessoano foram *traduzidos* para o dialeto próprio de cada uma dessas linguagens críticas. Fundamentalmente poeta, Fernando Pessoa atraiu a atenção de filósofos, lingüistas, esotéricos, antropólogos, etc., que propuseram a chave hermenêutica para o “desvelamento” dos grandes impasses analíticos impostos por sua obra. A exaltação do trabalho choca-se contra a abulia de Álvaro de Campos, que não acredita, como Whitman, que os objetos do universo

converjam para ele. Abordando os mesmos temas, Álvaro de Campos e Whitman os modulam, assim, de maneira diferente.

Marcus Leite, em “Politização da Literatura: a “crítica” militante de Walter Benjamin”, desenvolve algumas idéias sobre a crítica literária de Walter Benjamin e sua relação com a tradição do marxismo. Na sua primeira parte, apresentam-se as duas problemáticas acerca da Literatura segundo a tradição do marxismo: a da politização da literatura e a da representação da realidade na literatura. Na segunda, expõe-se o movimento de pensamento de Benjamin após o contato com a tradição do marxismo. Na terceira, finaliza-se com a apresentação de dois conceitos de sua “crítica militante”: a “arte de tendência” e a “inovação técnica na arte”.

A discussão sobre a distinção entre formas culturais eruditas e populares, a partir dos Estudos Culturais, é analisada por Ana Alice Costa, em “A que(m) interessa a distinção de valor, entre *erudito* e *popular*?”. Segundo a autora, incentivos dados a projetos e programas de pesquisa como o IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) da UFPA, que têm por objetivo resgatar os nossos valores culturais genuínos, certamente são uma via de reeducação possível, que não vai deixar de fazer passar pelo fundamental popular, comum a todos.

Daniel dos Santos Fernandes, em “Identidades e a nova ordem literária”, discute o esforço na busca de estudos literários mais comprometidos com a sociedade, em seus vários matizes, “oportunistas do processo de aprender a partir de um hábil instrumento social chamado literatura”. A questão da identidade está intimamente ligada ao que entendemos por cultura. A importância de um enfoque cultural para o processo de aprender através da literatura é capital, pois, em face dessa abordagem, tem o estudioso das literaturas que estar muito atento ao uso das classificações: erudito/popular, certo/errado, superior/inferior...

Aurora Fornoni Bernadini, em “O procedimento do *abstractum pro concreto* em *Grande Sertão: Veredas*”, analisa o romance de Guimarães Rosa enquanto *epos* lírico-trágico e escolhe, como chave de abertura do texto, certos usos da linguagem, exemplificados, que se condensam no procedimento que a autora denomina de *abstractum pro concreto*. Ora, a grande chave de *Grande Sertão: Veredas*, contrariamente àquilo que poderia parecer à primeira vista e, aparentemente, con-

trariando a expressa expectativa do autor mineiro, pode não ser encontrada em seu questionamento metafísico-religioso. Isto por muitos e variados motivos que convergem, segundo a autora, para uma explicação fundamental, ou seja, para a constatação de que apesar de (ou devido a) suas vacilações, provações e comprovações, Riobaldo nunca, no livro inteiro, deixa de ser uma personagem essencialmente religiosa.

Por último, a revista inclui o artigo “Traços e trocas: Belém embalando Mário de Andrade”, de Paulo Nunes. O autor trata da pouco explorada relação afetivo-cultural estabelecida por Mário de Andrade com Belém, quando de sua antológica viagem de 1927. Sabe-se do poeta arlequinal pela sua Paulicéia, mas pouco se escreveu sobre Mário de Andrade em Belém.

Prof. Sílvio Holanda